

A Língua de Darwin

A Seleção Natural aplicada às línguas naturais

Paulo Roberto Mathias Manes

Maria Flávia Figueiredo

Quando falamos sobre vida, várias questões surgem ao mesmo tempo e talvez a mais relevante delas seja o que é, de fato, a vida? O que é que caracteriza um ser vivo e o diferencia da matéria inanimada?

Os biólogos nos dizem, com bastante propriedade, que a vida é caracterizada por alguns fatores: metabolismo, homeostase, a capacidade de crescer e responder a estímulos, a capacidade de se reproduzir e, finalmente, a capacidade de se adaptar ao meio em que está inserida, por meio da seleção natural. De uma maneira mais simples e bastante grosseira, podemos dizer que a vida é a transformação constante de uma estrutura básica e estável.

Há muito se discute, sem muito sucesso, se às línguas naturais pode ser conferido o título de “vivas”. De um lado temos os que defendem as semelhanças entre as línguas e os seres vivos enquanto que, de outro, temos aqueles que afirmam serem as línguas apenas mais um fenômeno social.

Apesar de a semelhança entre as línguas e as entidades vivas parecer evidente, faremos uma breve comparação entre essas duas existências para que possamos explicitar nosso ponto de vista com mais clareza.

Para fins de uma breve e sucinta explicação, o **metabolismo** pode ser definido como o conjunto de reações químicas que ocorre nos organismos vivos para sustentar sua vida; a **homeostase** é a propriedade que mantém um sistema regulado e estável internamente; o **crecimento** é, como sugere o nome, a capacidade de se desenvolver e se transformar em algo maior e mais complexo; a **resposta a estímulos** é a capacidade de responder a alterações no ambiente externo ou interno e a **capacidade reprodução** é a possibilidade de gerar descendentes; por fim, a **adaptação** é o processo por meio do qual, com o correr do tempo, a vida se torna melhor “configurada” ao ambiente em que está inserida, assim aumentando suas chances de sobrevivência.

Tendo essa breve explicação em mente, observaremos que as línguas naturais existentes possuem, senão todas, pelo menos a maioria das características que atribuímos à vida.

Notaremos que o **metabolismo** das línguas se constitui na língua falada. A língua falada é a *realização* da língua, isto é, sem ela não existe nada que seja

observável ou passível de estudo no campo da linguística. Sem a fala não se tem uma língua *de facto*, não há “vida” na língua: apenas um sistema estático, “inorgânico”.

A **homeostase** da língua se caracteriza pela estrutura linguística subjacente: sua gramática. Não é possível conceber a existência de uma língua agramatical. Sentenças ditas *agramaticais*, ou seja, que não estejam de acordo com a gramática da língua por fugirem do “equilíbrio lingüístico” que garante a ordem do sistema, não encontram sustentação e simplesmente desaparecem, sem sequer terem sido pronunciadas. Um exemplo de sentença agramatical no português é “chutou Pedro a bola”: ainda que perfeitamente compreensível, nunca vemos esse tipo de construção em português.

Que as línguas **crecem**, ou seja, que se tornam maiores e mais complexas com o passar do tempo, é um fato inquestionável que não demanda explicações ou exemplificações. Basta que observemos a quantidade de neologismos surgidos quase diariamente em qualquer língua existente.

No que se refere à **resposta a estímulos**, talvez a língua seja o melhor exemplar para estudo, uma vez que mudamos nossa forma de expressão a todo momento: ao falarmos com crianças, em situações formais e em ocasiões casuais, nosso discurso é sempre distinto e (quase sempre) adequado. Observamos então que conforme os estímulos são alterados (mudanças de situação, interlocutores, o tom de um texto etc.), a língua também se altera, possuindo uma espécie de sensibilidade, própria de seres vivos.

Outro ponto inquestionável é a **capacidade de reprodução** das línguas naturais. Todos sabemos que o português é uma das muitas línguas-filhas do latim, bem como o italiano, o francês, o espanhol, o romeno, o catalão e outras 42 línguas. A família do indo-europeu, da qual as línguas itálicas fazem parte, consiste de quase 450 línguas diferentes.

Associada à capacidade de reprodução, encontramos a capacidade de **adaptação** das línguas naturais. Uma vez separadas do ramo principal e isoladas geograficamente de sua língua-mãe, as variantes linguísticas se tornarão maiores e mais maduras até constituírem línguas próprias e distintas, como ocorreu com o português e o francês, por exemplo, após a queda do Império Romano e do conseqüente enfraquecimento do latim.

Dessa forma, gostaríamos de considerar que as línguas merecem, sim, o título de “vivas”, ainda que, evidentemente, com reservas.

Como Darwin nos ensina em sua *Origem das Espécies*, os seres vivos estão sujeitos a transformações em si próprios e no ambiente em que vivem. Não fosse assim, jamais teríamos a maravilhosa diversidade que vemos ao nosso redor, com criaturas perfeitamente adaptadas a certos ambientes e funções, como a famosa *Xanthopan morgani*, a “mariposa que Darwin previu”.

As línguas também sofrem transformações no decorrer do tempo: sempre que necessário, uma variação linguística surge para preencher uma lacuna, um “nicho”. Uma língua incapaz de mudança é uma língua morta, do mesmo modo que uma espécie incapaz de sofrer variações é inevitavelmente descartada pela seleção natural.

Darwin descobriu um mecanismo natural que preserva as características úteis à sobrevivência de um indivíduo e descarta as prejudiciais. Esse mecanismo, a Seleção Natural, é tão poderoso e universal que pode ser aplicado a praticamente qualquer sistema complexo: de espécies animais a línguas naturais, de comunidades isoladas ao cenário político mundial. Enquanto houver uma estrutura subjacente e ordenada, capaz de sofrer mudanças no decorrer do tempo e de se adaptar ao meio em que está inserida, a Seleção Natural atuará espontaneamente, como resultado natural e inevitável da existência de sistemas assim.

A língua de Darwin é afiada e poderosa, já que descreve o funcionamento da natureza com precisão espantosa. A língua de Darwin é a língua da variação e da adaptação, da vida e da maravilha que nos cerca neste mundo. Realmente, “há grandeza nessa forma de se ver a vida”.